



142231

MODELO DE  
PROVA  
(VERSÃO)  
**C**

**EXÉRCITO BRASILEIRO**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO**

CONCURSO DE ADMISSÃO 2020

**013. PROVA OBJETIVA**

**OFICIAL DO QUADRO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO**

**ÁREA: MAGISTÉRIO DE HISTÓRIA**

- Você recebeu sua folha de respostas e este caderno contendo 70 questões objetivas.
- Confira seus dados impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- Certifique-se de que a letra referente ao modelo de sua prova é igual àquela constante em sua folha de respostas.
- Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições.
- Caso haja alguma divergência de informação, comunique ao fiscal da sala.
- Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- Marque, na folha de respostas, com caneta de tinta azul ou preta, a letra correspondente à alternativa que você escolheu.
- A duração da prova é de 4 horas, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas.
- Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridas 3 horas do início da prova.
- Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas e este caderno.
- Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

**AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO DE QUESTÕES.**

Nome do candidato

RG

Inscrição

Prédio

Sala

Carteira

## CONHECIMENTOS GERAIS

### LÍNGUA PORTUGUESA

Leia um trecho do conto “Moto de mulher”, de Jarid Arraes, para responder às questões de números **01** a **04**.

Comprei uma Honda que tava na promoção e saí da loja dirigindo. Feliz demais, me sentindo que nem uma passarinha em cima da moto. O vento vem direto na cara, até arde o olho, mas é um sentimento gostoso de quase voar.

Primeiro eu vesti o colete de mototáxi que guardei por três meses enquanto esperava a oportunidade da moto. Saí pilotando pelo bairro, não andei nem três quarteirões e uma mulher fez sinal com a mão.

Para aí, mototáxi.

Parei e ela me olhou assustada quando chegou perto.

Oxe, e é mulher, é?

Eu dei um sorrisinho meio troncho. Disse que pois é. Ela montou na garupa e falou que pelo menos ficava mais à vontade pra segurar na minha cintura. Não segurava na cintura de mototáxi homem que era pra não dar liberdade. Eu disse que pois é de novo.

Fui deixar essa mulher tão longe que eu nem sabia onde era aquilo. Ela foi me ensinando. Parecia que não ia chegar nunca. O sol rachando.

Quando a gente chegou lá, na frente de uma casa de taipa toda se desmontando, ela perguntou quanto tinha dado a corrida. Eu fiquei pensando por um tempo e ela me olhando impaciente, mas eu tava juntando a cara pra falar que era dez reais. Achando que ela ia reclamar do preço, falei oito, mas ela me entregou o dinheiro e sumiu pra dentro da casa.

Fiquei tomando coragem pra voltar. Não sabia voltar, na verdade. Fiquei olhando pra todo lado, o celular quase sem sinal. Longe demais, longe de um jeito que nem dez conto pagava. O resumo era, então, a minha burrice. Otária demais, só oito reais. Dirigindo na chinelada, com medo de qualquer cara de macho que aparecia nas calçadas. Eu só achava que iam me roubar. Imagina se levam minha moto zerada...

Fiquei nessa angústia, duas horas perdida. Até que avistei a estrada de volta pra Matriz. Depois, comecei a reconhecer melhor as casinhas, as cercas, as placas. Entrei de novo na cidade com a maior alegria. Mais feliz do que quando peguei a moto pela primeira vez.

(Redemoinho em dia quente. Alfaguara, 2019. Adaptado)

**01.** De acordo com as informações do texto, a narradora

- (A) comprou o colete especificado por lei quando pensou, pela primeira vez, em exercer a profissão de mototáxi, atividade tradicionalmente masculina.
- (B) reconheceu que a primeira corrida não compensou financeiramente, todavia, ao retornar à cidade, a sensação de superação suplantou as adversidades.
- (C) ficou constrangida ao perceber a hesitação da cliente pelo fato de a narradora não conhecer os arredores da cidade onde a mulher residia.
- (D) notou que a cliente, habitualmente mais confiante ao ser conduzida por homens, ficou pouco à vontade em ser conduzida em uma moto pilotada por mulher.
- (E) revoltou-se ao concluir que a cliente quis fazê-la de otária e, temendo ser assaltada por alguém, voltou rapidamente para a praça da Matriz.

**02.** Assinale a alternativa em que as expressões destacadas nos trechos do texto indicam, respectivamente, causa, intensidade e reiteração.

- (A) ... guardei por três meses **enquanto** esperava a oportunidade da moto. / Otária **demais**, só oito reais. / Fiquei **nessa** angústia, duas horas perdida.
- (B) Feliz demais, me sentindo **que** nem uma passarinha... / Eu dei um sorrisinho **meio** troncho. / Fui deixar essa mulher tão longe que eu nem sabia onde era **aquilo**.
- (C) Não segurava na cintura de mototáxi homem **que** era pra não dar liberdade. / ... até arde o olho, mas é um sentimento gostoso de **quase** voar. / Eu disse que pois é **de novo**.
- (D) ... não andei nem três quarteirões **e** uma mulher fez sinal com a mão. / O sol **rachando**. / ... com medo de **qualquer** cara de macho que aparecia nas calçadas.
- (E) Achava que ela ia reclamar do preço, **mas** ela me entregou o dinheiro e sumiu... / Parecia que não ia chegar **nunca**. / Mais feliz do que quando peguei a moto **pela primeira vez**.

**03.** Considerando que a linguagem do texto nem sempre segue o padrão normativo, pode-se concluir corretamente que uma das intenções do uso desse recurso é

- (A) imprimir um tom lírico à narrativa, como comprova o trecho: “Comprei uma Honda que tava na promoção e saí da loja dirigindo.”.
- (B) evidenciar a inépcia da narradora, como comprova o trecho: “Feliz demais, me sentindo que nem uma passarinha em cima da moto.”.
- (C) expor as atitudes contraditórias da narradora, como comprova o trecho: “Fiquei olhando pra todo lado, o celular quase sem sinal.”.
- (D) retratar a maneira de ser da narradora, como comprova o trecho: “... ela me olhando impaciente, mas eu tava juntando a cara pra falar que era dez reais.”.
- (E) enfatizar as limitações expressivas da linguagem coloquial, como comprova o trecho: “Imagina se levam minha moto zerada...”.

04. Assinale a alternativa em que a frase elaborada a partir das ideias do texto traz as formas verbais empregadas de acordo com a norma-padrão.

- (A) A narradora deverá perceber que, assim que contém o desespero, conseguirá voltar à cidade de onde havia partido para sua primeira viagem.
- (B) A narradora deveria perceber que, tão logo contivesse o desespero, conseguiria voltar à cidade de onde partira para sua primeira viagem.
- (C) A narradora deve perceber que, contanto que conte nha o desespero, conseguira voltar à cidade de onde parte para sua primeira viagem.
- (D) A narradora devia perceber que, desde que contesse o desespero, iria conseguir voltar à cidade de onde partiu para sua primeira viagem.
- (E) A narradora devia ter percebido que, depois que contera o desespero, teria conseguido voltar à cidade de onde partia para sua primeira viagem.

Leia o texto para responder às questões de números 05 e 06.

Na fase NREM, o sono divide-se em quatro estágios, todos essenciais para uma boa noite de sono.

O primeiro estágio é a fase de sonolência, em que começamos a sentir as primeiras sensações do sono, e a principal característica desse estágio é que será fácil acordar. Um exemplo são aqueles cochilos rápidos, período de 1 a 5 minutos, \_\_\_\_\_ podemos acordar com qualquer barulho que aconteça no local.

No segundo estágio, que dura geralmente de 5 a 15 minutos, a atividade cardíaca reduz drasticamente, os músculos entram em estado de relaxamento e a temperatura do corpo cai. É mais difícil acordar o indivíduo e é aquele estágio \_\_\_\_\_, se somos interrompidos, não conseguimos nos concentrar em nada.

No terceiro estágio, a profundidade do sono é menor, \_\_\_\_\_ é o momento ideal para acordar de uma soneca, pois já relaxamos o corpo e estamos prontos para recuperar gradativamente a nossa atenção.

Ao atingirmos o quarto estágio, podemos dizer que “dormimos” em lugar de “apenas cochilamos”.

Somente depois de passarmos pelo quarto estágio, \_\_\_\_\_ estado é de profundo relaxamento, é que entramos na última etapa do sono – o sono REM.

(<https://www.maxflex.com.br/institucional/blog/sono-rem-e-nrem-duas-fases-que-definem-qualidade-da-sua-noite>. Adaptado)

05. Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- (A) durante o qual ... em que ... por isso ... cujo
- (B) com o qual ... conforme ... contudo ... cujo
- (C) no qual ... onde ... por isso ... todavia o
- (D) com o qual ... em que ... aqui ... ao qual o
- (E) durante o qual ... conforme ... onde ... ao qual o

06. Considerando tipos e gêneros textuais, é correto afirmar que o texto selecionado é, predominantemente:

- (A) narrativo; caracteriza-se por conter um depoimento; emprega linguagem objetiva.
- (B) argumentativo; caracteriza-se por conter diferentes pontos de vista; emprega linguagem objetiva.
- (C) descritivo; caracteriza-se por conter a prescrição de condutas; emprega linguagem subjetiva.
- (D) injuntivo; caracteriza-se por conter dados acadêmicos; emprega linguagem subjetiva.
- (E) expositivo; caracteriza-se por conter explicações; emprega linguagem objetiva.

07. Muitos **creem** que é **supérfluo** ter uma longa noite de sono, porém, para o neurocientista Matthew Walker, autor do livro “Por que nós dormimos?”, os seres humanos precisam, com raras **excessões**, de oito horas diárias de sono. Há um consenso de que indivíduos que **prescindem** de uma boa noite de sono podem se tornar **ansiosos** e ter um comportamento **contraproducente**, por isso Walker recomenda que as pessoas também façam a sesta, o que certamente é **factível** apenas para alguns **privilegiados**.

Para que o texto esteja em conformidade com a ortografia e a acentuação previstas pela norma-padrão, algumas das palavras destacadas devem ser reescritas. A forma correta dessas palavras encontra-se na alternativa:

- (A) factível; ansiosos; prescindem; privilegiados.
- (B) supérfluo; exceções; factível; contra-producente.
- (C) crêem; exceções; prescindem; contra-producente.
- (D) crêem; supérfluo; ansiosos; contra-producente.
- (E) supérfluo; exceções; ansiosos; privilegiados.

Leia o texto para responder às questões de números **08 a 14**.

*Qual é o papel de um museu que conta histórias de vida?*

O Museu da Pessoa foi criado em 1991 com o objetivo de registrar e preservar histórias de vida de todo e qualquer indivíduo. A ideia é valorizar essas memórias e torná-las uma fonte de compreensão, conhecimento e conexão entre as pessoas, dos narradores aos visitantes que a instituição atrai.

O Museu da Pessoa é colaborativo, ou seja, qualquer pessoa pode se voluntariar para contar sua história. Todas as pessoas que se dispõem a falar são entrevistadas por colaboradores da instituição, que durante longas conversas buscam estimular os participantes a lembrar os detalhes de sua trajetória. É possível encontrar nos arquivos histórias de professores, poetas, comerciantes e trabalhadores rurais, de variadas idades e regiões do país.

A curadora e fundadora do Museu da Pessoa, Karen Worcman, teve a ideia de criar a instituição no fim dos anos 1980, quando participou de um projeto de entrevistas com imigrantes no Rio e percebeu que os depoimentos ouvidos ajudavam a contar a história mais ampla do país. Mais de 25 anos depois da fundação do museu, Worcman pensa o mesmo. “A história de cada pessoa é uma perspectiva única sobre a história comum que todos nós vivemos como sociedade”, disse a curadora ao jornal Nexo.

Para Worcman, as narrativas do acervo podem fazer o público do museu não só conhecer a vida de outras pessoas mas também “aprender sobre o mundo e a sociedade com o olhar do outro”. Abertas a outros pontos de vista, as pessoas transformam seu modo de ver o mundo e criam uma sociedade mais justa e igualitária.

(Mariana Vick, *Nexo Jornal*, 29 de junho de 2020. Adaptado)

**08.** De acordo com o texto, as narrativas pessoais registradas no Museu da Pessoa permitem que

- (A) se conheçam as histórias de vida dos imigrantes do Estado do Rio de Janeiro, registradas pela primeira vez nos anos 80 e imediatamente enviadas para o acervo do museu.
- (B) seja reavaliado o uso do termo “museu”, uma vez que o projeto fundado por Karen Worcman se baseia em acervo imaterial, sem pretensão de resgatar e guardar histórias da sociedade.
- (C) seja redimensionado o papel dos museus na sociedade contemporânea, ainda que o projeto de Karen Worcman, fundado no fim dos anos 80, careça de reconhecimento social.
- (D) sejam valorizadas as memórias de um indivíduo que, além de ensinar e conectar as pessoas, ainda contribuem para contar a história de uma sociedade.
- (E) se faça uma extensa e profunda revisão da história recente do país, a partir dos relatos sobre a vida de pessoas célebres, de grande relevância no cenário nacional.

**09.** De acordo com Bechara (2019), uma oração subordinada adjetiva pode ter valor *explicativo* ou *restritivo*, a depender do fato de ela modificar ou não a referência do antecedente. Com base na distinção feita pelo autor, assinale a alternativa em que está destacada uma oração subordinada adjetiva restritiva.

- (A) O Museu da Pessoa é colaborativo, ou seja, **qualquer pessoa pode se voluntariar**.
- (B) Todas as pessoas **que se dispõem a falar** são entrevistadas por colaboradores da instituição.
- (C) ... colaboradores da instituição, **que durante longas conversas buscam estimular os participantes** a lembrar os detalhes de sua trajetória.
- (D) ... e percebeu **que os depoimentos ouvidos ajudavam a contar a história mais ampla do país**.
- (E) **Abertas a outros pontos de vista**, as pessoas transformam seu modo de ver o mundo.

**10.** Considere as passagens do texto:

- I. O Museu da Pessoa é colaborativo, ou seja, qualquer pessoa pode se voluntariar para contar sua história.
- II. A curadora e fundadora do Museu da Pessoa, Karen Worcman, teve a ideia de criar a instituição no fim dos anos 1980.
- III. Mais de 25 anos depois da fundação do museu, Worcman pensa o mesmo.

Com base nas regras de pontuação descritas por Celso Luft (1998), é correto afirmar que as vírgulas presentes nos trechos indicam o uso de:

- (A) I - expressão coordenada; II - sujeito; III - enumeração.
- (B) I - expressão corretiva; II - aposto; III - adjunto adverbial.
- (C) I - expressão explicativa; II - aposto; III - adjunto adverbial.
- (D) I - expressão corretiva; II - vocativo; III - oração adverbial.
- (E) I - expressão explicativa; II - vocativo; III - oração adverbial.

**11.** Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão de concordância verbal, em conformidade com o Manual de Redação da Presidência da República.

- (A) Worcman teve a ideia de criar o museu quando participou de um projeto no qual se entrevistavam imigrantes no Rio.
- (B) No Museu da Pessoa, tratam-se de questões relevantes para o debate público nacional.
- (C) No Museu da Pessoa, existe colaboradores que entrevistam as pessoas dispostas a falar.
- (D) Histórias comuns das pessoas compõe o acervo do Museu da Pessoa, concebido por Karen Worcman.
- (E) O mundo e a sociedade torna-se objeto de conhecimento quando se conhece a vida de outras pessoas.

12. Bechara (2019) define as conjunções coordenativas como aquelas que “reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático”. Nesse sentido, é correto afirmar que a alternativa em que a conjunção coordenativa aparece em destaque é:

- (A) Histórias de vida são pessoais, **mas** carregam consigo parte da história de um país.
- (B) As entrevistas eram feitas **conforme** o desejo dos participantes de contar suas histórias.
- (C) Worcman não imaginava **que**, depois de mais de duas décadas, o museu ainda existiria.
- (D) As histórias de pessoas simples são preservadas **como** ocorre com personalidades famosas.
- (E) A sociedade seria mais igualitária **se** as histórias de vida fossem compartilhadas.

13. Considere os enunciados:

- O Museu da Pessoa possibilita \_\_\_\_\_ qualquer indivíduo o registro de suas memórias.
- Devido \_\_\_\_\_ entrevistas realizadas por colaboradores da instituição, é possível encontrar histórias de muitas pessoas, de variadas idades e regiões do país.
- A instituição \_\_\_\_\_ qual Karen Worcman estava vinculada realizava entrevistas com imigrantes no Rio de Janeiro.

Em conformidade com as considerações de Almeida (2006), no *Dicionário de questões vernáculas*, sobre o emprego do acento indicativo de crase, as lacunas dos enunciados devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- (A) à ... às ... à
- (B) a ... à ... à
- (C) a ... a ... à
- (D) à ... às ... a
- (E) à ... as ... a

14. A respeito da colocação dos pronomes átonos, Bechara (2019) estabelece alguns critérios que estão de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa falada e escrita no Brasil. Desse ponto de vista, deve ser considerada correta a frase contida na alternativa:

- (A) Preservar histórias de vida é uma forma de jamais condená-las ao esquecimento.
- (B) Recorrer às histórias de vida dos indivíduos tem mostrado-se uma forma de conhecer a história mais ampla do país.
- (C) Sempre ajuda-se a sociedade a crescer com projetos voltados às histórias dos indivíduos.
- (D) Nos sentimos melhores quando aprendemos sobre o mundo a partir de outras experiências.
- (E) Na busca pela criação de uma sociedade mais justa, quantos se oferecem para contar suas histórias?

15. O projeto empreendido pelos portugueses de colonização do território que viria a se chamar Brasil se deu, primeiramente, pela implementação das conhecidas capitânicas hereditárias, a partir de 1532. Segundo Boris Fausto:

“O Brasil foi dividido em quinze quinhões, por uma série de linhas paralelas ao Equador que iam do litoral até o meridiano de Tordesilhas, sendo os quinhões entregues aos chamados capitães donatários. Eles constituíram um grupo diversificado onde havia gente da pequena nobreza, burocratas e comerciantes, tendo em comum suas ligações com a coroa portuguesa”.

(Boris Fausto. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000)

É consenso na historiografia brasileira que o fracasso das capitânicas hereditárias se deveu a diversos fatores conjugados, tendo destaque

- (A) a miscigenação dos colonos portugueses com as populações ameríndias, que os tornara, em pouco tempo, lascivos e ociosos do trabalho da empreitada colonial, e a intervenção constante dos jesuítas nos negócios dos colonos, arregimentando populações nativas aos trabalhos de cunho religioso, em detrimento do trabalho braçal.
- (B) a monopolização da coroa sobre as terras recém-descobertas, a intervenção da administração real no modo como os colonos empreenderam a colonização e a falta de apoio da igreja católica na catequização dos indígenas, considerados indignos da catequese.
- (C) o clima e o solo pouco propícios para a produção de artigos e produtos agrícolas que eram valorizados no mercado europeu e a dificuldade de adaptação dos portugueses às novas terras, haja vista que esta era a primeira experiência de colonização de territórios distantes de Portugal.
- (D) a falta de recursos dos donatários para investir na colonização do território, a inexperiência no processo de colonização das regiões situadas na América, além dos ataques constantes dos nativos indígenas aos aldeamentos coloniais.
- (E) a ausência de mão de obra disponível no litoral para os trabalhos referentes à colonização, a dificuldade de escoamento dos produtos coloniais no mercado de consumo europeu e o desinteresse dos portugueses nas terras recém-conquistadas.

16. A escravidão moderna caracterizou-se por trazer à tona uma realidade nova ao já secular comércio de escravos ocorrido no continente africano.

(Líliá Schwarcz e Heloísa Starling. *Brasil: uma biografia*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015)

De acordo com as autoras, na obra *Brasil: uma biografia*, a referida nova realidade consiste

- (A) na conquista rápida e efetiva dos reinos tribais africanos pelas forças expedicionárias lusitanas, a fim de monopolizar o comércio de escravos para a América, interrompendo, assim, o fluxo de tráfico escravista para o oriente médio e tornando os portugueses os maiores comerciantes de gente do período.
- (B) na mudança de escala do comércio de africanos escravizados, tanto no que se refere ao volume de cativos, quanto no emprego crescente da violência. Isso alterou a dinâmica de guerras e das redes de relacionamento internas dos estados africanos.
- (C) no esvaziamento do comércio de escravos na costa atlântica em detrimento de uma intensificação das rotas de comércio de escravos estabelecidas entre os reinos africanos e o mundo muçulmano, configurando-se este último na maior expressão do escravismo moderno.
- (D) no modo como os reinos africanos constituídos se fortaleceram em alianças internas, após a influência europeia pressioná-los a aderir às alianças de benefício unilateral, que exaltavam a presença europeia no continente africano.
- (E) no fim das hostilidades entre europeus e africanos, com relação à religiosidade e à adoção do cristianismo por parte de alguns reinos, na lucratividade e na monopolização do trabalho escravizado, bem como do comércio que o sustentava, gerando assim cisões irreversíveis na diplomacia entre os continentes.

17. Com o objetivo de promover pouco a pouco a substituição do braço escravo na lavoura de café, recorreu-se, nos meados do século XIX, à colonização estrangeira, sob sistema de parceria. Pretendia-se, dessa maneira, conciliar fórmulas usadas nos núcleos coloniais de povoamento com as necessidades do latifúndio cafeeiro. Contava-se com a experiência dos núcleos coloniais de povoamento cuja criação desde a vinda da Corte de D. João VI para o Brasil tinha sido estimulada. A partir de então, havia se rompido definitivamente com as tradicionais restrições à fixação de estrangeiros na colônia. Estimulava-se a vinda de imigrantes.

(Emília Viotti da Costa. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999)

O trecho acima aponta um primeiro motivo para o incentivo à imigração: a substituição do trabalho escravo. Outros motivos pertinentes para se estimular a migração foram:

- (A) os problemas econômicos do Império, que já não possuía mais recursos para a compra de escravos africanos, cada vez mais caros, e o aumento da população de escravos e indígenas, que ameaçava os domínios de Pedro II.
- (B) a chegada da família real com sua corte, o que trouxe a necessidade de mão de obra excedente, e a dificuldade de se controlar a população escrava.
- (C) a questão demográfica, reconhecendo-se a necessidade de povoamento do país, e o branqueamento da população que, à época, era composta majoritariamente por negros e indígenas.
- (D) a crise do modelo agrário brasileiro, com a expulsão dos proprietários de suas terras tradicionais, e a falta de trabalhadores no vasto território do Império.
- (E) a pluralização de povos, que estava nos planos imperiais de miscigenação da população, e a alta mortalidade da escravaria do campo.

18. Assim, a explicação de que é a “ideia” da Independência que constitui a força propulsora da renovação que se operava no seio da colônia parece pelo menos arriscada.

(Caio Prado Jr. *A formação do Brasil contemporâneo*. 23. edição. São Paulo: Brasiliense, 1994)

Considerando a obra e o fragmento do texto, podemos afirmar que a Independência

- (A) foi um processo no qual várias concepções de separação coexistiram, uma vez que não existia um projeto de unidade em torno da Independência do país, diante de interesses e disputas conflitantes no período.
- (B) conteve a organização revolucionária de povos e trabalhadores, que, unidos em confederações e grupos sindicais, conseguiram participar ativamente das negociações em torno da transição para o modelo Imperial do século XIX.
- (C) foi a continuidade de um projeto de inclusão e transformação da sociedade brasileira, com especial destaque à incorporação de direitos e à cidadania estendida a mulheres, negros e indígenas, entre outros grupos, neste processo.
- (D) consolidou um longo período de acordos entre as elites vinculadas aos portugueses e a nova burguesia industrial vinculada às cidades e às ideias progressistas que permitiram incluir os diferentes grupos neste projeto nacional.
- (E) foi um processo de construção em massa que unificou os diversos setores da sociedade nacional, sobretudo, a partir da aliança entre os defensores do modelo escravista e os movimentos abolicionistas do período.

19. As ideias separatistas nasciam do profundo desequilíbrio entre o poder político e o poder econômico que se observava nos fins do Império, oriundo do empobrecimento das áreas de onde provinham tradicionalmente os elementos que manipulavam o poder e concomitantemente do desenvolvimento de outras áreas que não possuíam a devida representação no governo.

As transformações econômicas e sociais que se processam durante a segunda metade do século XIX acarretam o aparecimento de uma série de aspirações novas provocando numerosos conflitos. [...]

(Emília Viotti da Costa. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. Fund. Ed. Unesp, 1999)

Para Emília Viotti da Costa, o tal “desequilíbrio entre o poder político e o poder econômico” refere-se

- (A) à bancada do Partido Liberal das províncias decadentes economicamente desde 1850, caso de Minas Gerais e Bahia, que defendiam a manutenção da escravatura, em contraponto ao vigoroso apoio do Partido Conservador aos projetos que encaminhassem o fim da escravidão.
- (B) ao novo patamar econômico atingido pelas províncias de São Paulo e de Minas Gerais que, desde 1870, produziam café essencialmente com a mão de obra livre do imigrante europeu, em contraposição às províncias do Norte, que reforçavam a escravidão com a compra de escravos do Sul.
- (C) à perda da importância política das províncias do Centro-Sul em virtude da Reforma Eleitoral de 1883 e, ao mesmo tempo, a uma reorganização econômica das províncias do Norte, a partir da produção de açúcar e algodão, e com o uso da mão de obra oriunda da imigração subsidiada.
- (D) à fragilização econômica dos barões do café do Vale do Paraíba, que, ainda assim, detinham um forte poder político, e ao Oeste Paulista, que se tornou, a partir de 1880, a região mais dinâmica do país, embora com uma participação política relativamente pequena.
- (E) à província de Minas Gerais, produtora agropastoril com a mão de obra cativa e forte opositora às políticas do Império, condição diversa de São Paulo que, com o avanço da produção cafeeira, usou a sua grande bancada de parlamentares para defender a transformação do escravo em trabalhador livre.

20. Há uma história do tenentismo antes e depois de 1930. Os dois períodos dividem-se por uma diferença essencial.

(Boris Fausto. *História do Brasil*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000)

O tenentismo, antes e depois de 1930, respectivamente,

- (A) organizava-se nacionalmente e teve participação central na eleição de Washington Luís em 1926; desprestigiado pela ordem surgida com a Revolução de 1930, agrupou-se no Partido Democrático, ficando sua força política restrita aos estados mais pobres do país.
- (B) esteve vinculado às ideias antiliberais dos anos 1920, o que explica a defesa de uma radical legislação de proteção ao trabalho; fez forte oposição ao Governo Provisório porque discordava da postura de Vargas em protelar a volta da constitucionalidade do país.
- (C) demarcava com os princípios econômicos da social-democracia e tinha bastante clareza ideológica; participava ativamente da política até a instauração do Estado Novo e defendia que o Estado não deveria interferir na atividade econômica.
- (D) propunha uma reordenação política da nação por meio de um sistema eleitoral censitário; defendeu as políticas oriundas das forças oligárquicas alijadas do poder por meio da Revolução de 1930, o que justifica o apoio às forças paulistas no movimento de 1932.
- (E) rebelou-se contra o Estado oligárquico, caso da Revolução de 1924, que tinha o objetivo de derrubar Artur Bernardes; teve participação no governo, com os “tenentes” assumindo interventorias nos estados, principalmente no Nordeste.

21. Já observamos que, de 1929 ao ponto mais baixo da depressão, a renda monetária no Brasil se reduziu entre 25 e 30 por cento. Nesse mesmo período, o índice de preços dos produtos importados subiu 33 por cento. Compreende-se, assim, que a redução no *quantum* das importações tenha sido superior a 60 por cento.

Depreende-se facilmente a importância crescente que, como elemento dinâmico, irá logrando a procura interna nessa etapa de depressão. Ao manter-se a procura interna com maior firmeza que a externa, o setor que produzia para o mercado interno passa a oferecer melhores oportunidades de inversão que o setor exportador. Cria-se, em consequência, uma situação praticamente nova na economia brasileira.

(Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Adaptado)

A “situação praticamente nova na economia brasileira”, segundo Furtado, refere-se

- (A) à passagem da hegemonia econômica dos cafeicultores paulistas para os industriais nordestinos.
- (B) à preponderância do setor ligado ao mercado interno no processo de formação de capital.
- (C) ao estabelecimento de mecanismos de transferência de capitais do setor agrário para o financeiro.
- (D) ao abandono dos mecanismos públicos de proteção à agricultura de exportação, especialmente do algodão.
- (E) à elaboração de uma política econômica voltada a ampliar as disparidades regionais do país.

22. Em 1983, lideranças partidárias demandavam mudança nas regras da sucessão da presidência da República, mediante a aprovação de emenda constitucional.

Só um fato extraordinário poderia romper com as regras que impunham a vitória de um candidato eleito pelo voto indireto para a sucessão presidencial, e as oposições se encarregaram de criá-lo. A campanha com lema “Diretas Já” começou timidamente, em junho de 1983, com um comício em Goiânia, que reuniu 5 mil pessoas e demonstrou a viabilidade de um movimento de massas orientado para exigir do Congresso Nacional a aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

A oposição contava com algumas vantagens.

(Lília M. Schwarcz e Heloisa M. Starling. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Adaptado)

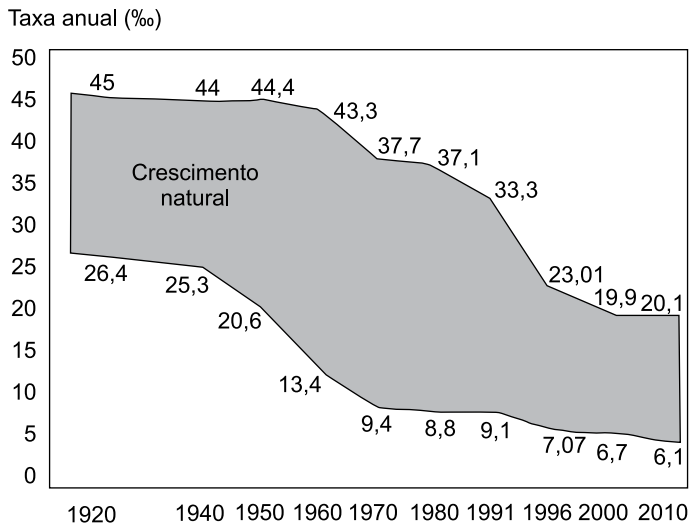
Para Lília Schwarcz e Heloisa Starling, uma dessas vantagens foi

- (A) o saldo positivo das eleições diretas para governador de estado realizadas em 1982, nas quais o PMDB elegeu nove governadores, incluídos os mais ricos, e o PDT conquistou o governo do Rio de Janeiro.
- (B) a maioria parlamentar da oposição na Câmara dos Deputados conquistada com as eleições de 1982, condição que permitia um forte equilíbrio no Colégio Eleitoral e nos acordos com o Executivo.
- (C) a interpretação do Supremo Tribunal Federal de que qualquer partido político legalizado, criado a partir de 1979, tinha o direito de disputar as eleições indiretas por meio do Colégio Eleitoral.
- (D) a maioria obtida no Senado pelo PMDB em virtude da extinção do mandato dos senadores indiretos eleitos em 1974, o que fez o PDS perder a maioria absoluta no Congresso Nacional.
- (E) a vitória eleitoral das oposições ao governo federal nas eleições municipais de 1980, que garantiu o controle da maioria das capitais de estado e das cidades com mais de 100 mil habitantes.



23. Analise o gráfico para responder à questão.

TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA (1920-2010)



(H. Théry e N. A. Mello-Théry. *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Edusp, 2018. Adaptado)

A leitura do gráfico e os conhecimentos sobre a dinâmica demográfica brasileira permitem afirmar que

- (A) entre a década de 1940 e 1980, o crescimento natural apresentou oscilações, o que confirmava a dificuldade de se iniciar o processo de transição demográfica.
- (B) por volta da década de 1960, a taxa de natalidade acompanhou o ritmo de queda da taxa de mortalidade devido à implementação de políticas públicas de caráter natalista.
- (C) a partir do final do século XX, o crescimento natural da população tornou-se mais acelerado, dando início à fase final da transição demográfica.
- (D) entre as décadas de 1960 e 1980, o processo de urbanização e a ampliação dos sistemas de comunicação em massa contribuíram para o início de uma nova fase da transição demográfica.
- (E) desde as décadas finais do século XX, foram observados dois processos concomitantes: a explosão demográfica acelerada e o incremento do processo de urbanização.

24. Em 1998, o Brasil foi um dos países pioneiros ao adaptar e calcular um IDH subnacional para todos os municípios brasileiros, com dados do Censo Demográfico, criando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). ([http://atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/publicacao\\_atlas\\_rm\\_pt.pdf](http://atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/publicacao_atlas_rm_pt.pdf))

Um dos pontos positivos do IDHM é o fato de ele

- (A) refletir os avanços socioeconômicos da população, fato que indica a persistente redução das diferenças regionais observadas no país há décadas.
- (B) levar em conta duas das principais dimensões da vida humana: a saúde e a educação, embora estes dois elementos não sejam comparáveis entre as regiões brasileiras.
- (C) popularizar o conceito de desenvolvimento centrado nas pessoas, e não na visão de que o desenvolvimento se limita a crescimento econômico e ao PIB.
- (D) ter se tornado uma medida nacional para estabelecer as condições de vida dos brasileiros, embora seja obtido após a divulgação dos dados do IDH mundial fornecido pela ONU.
- (E) destacar com nitidez as diferenças de condições socioeconômicas e culturais entre a população urbana daquelas encontradas na população rural.

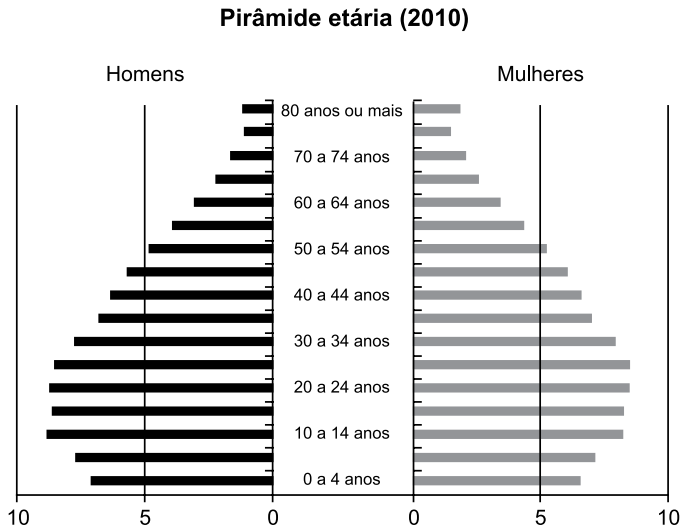
25. Para promover a industrialização, a partir dos anos de 1960, o Estado adotou várias ações importantes, dentre as quais:

- (A) a criação de políticas de privatização de ramos industriais ligados aos bens de consumo.
- (B) a criação e a ampliação das infraestruturas em distritos industriais em várias regiões do Brasil.
- (C) o incentivo aos movimentos sindicais para a implementação de políticas salariais.
- (D) a abertura do mercado brasileiro a produtos estrangeiros para incentivar a produtividade nacional.
- (E) a implementação de tecnopolos para a pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias.

26. Segundo Théry e Mello-Théry (2018), as propriedades agrárias muito grandes (mais de 500 ha) e as muito pequenas (menos de 1 ha) ocupam zonas distintas no Brasil. Para os autores, são exemplos de áreas de concentração de propriedades muito grandes e muito pequenas, respectivamente:

- (A) Amazonas e Santa Catarina.
- (B) Pará e São Paulo.
- (C) Mato Grosso e Agreste pernambucano.
- (D) Bahia e Triângulo Mineiro.
- (E) Goiás e Campanha Gaúcha.

27. Observe o gráfico.



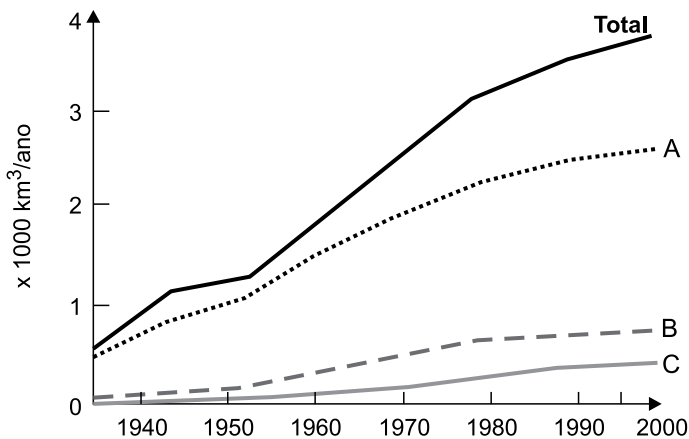
©HT/NAMT 2018 Fonte: IBGE, 2010b.

(H. Théry e N. A. Mello-Théry. *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Edusp, 2018. Adaptado)

Considerando as transformações recentes na pirâmide etária brasileira, uma das suas consequências é

- (A) a adoção de políticas restritivas à natalidade.
- (B) a pressão sobre o sistema de proteção social.
- (C) o estímulo à produtividade da mão de obra formal.
- (D) o aumento da população absoluta do país.
- (E) a recomposição da população economicamente ativa.

28. Observe a figura que representa o uso mundial de água por três setores entre 1940 a 2000.



(Ricardo Hirata. *Recursos Hídricos*. In: W. Teixeira. et al. (org.). *Decifrando a Terra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000. Adaptado)

Os totais indicados com as letras A, B e C representam, respectivamente, os consumos de água mundial pelos setores:

- (A) agricultura, urbano e indústria.
- (B) agricultura, silvicultura e plasticultura.
- (C) urbano, indústria e têxtil.
- (D) urbano, silvicultura e têxtil.
- (E) agricultura, indústria e urbano.

29. Região semiárida onde os totais anuais de precipitação, em diversos pontos, não ultrapassam os 400 mm anuais, marcada em sua paisagem por solos pedregosos com formas agressivas, como os campos de *inselbergs*, assim como por um regime intermitente da rede de drenagem.

(Jurandy Luciano Sanches Ross (org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001. Adaptado)

Essa região apresenta uma vegetação típica denominada

- (A) Caatinga.
- (B) Cerrado.
- (C) Mata de Cocais.
- (D) Campos Sulinos.
- (E) Mata Atlântica.

30. Observe o mapa temático.



(H. Théry e N. A. Mello-Théry. *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Edusp, 2018. Adaptado)

A cartografia destacada no mapa representa especialmente

- (A) as áreas de maior navegabilidade dos rios.
- (B) os fluxos migratórios observados nas últimas décadas.
- (C) os corredores de exportação.
- (D) o sentido dos principais fluxos migratórios regionais.
- (E) as regiões de planejamento e ordenamento territorial.

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

31. De acordo com o livro *Projeto-político pedagógico da escola: uma construção possível*, organizado por Ilma Veiga, é correto afirmar que o projeto político-pedagógico

- (A) relaciona-se com a organização do trabalho pedagógico em dois níveis, ou seja, como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula.
- (B) é um processo acabado, fixo e imutável, pois precisa ser executado tão logo seja consolidado pelo sistema educacional.
- (C) procura a centralização do trabalho pedagógico, fornecendo políticas de qualidade do ensino que unifica as ações escolares em âmbito federal.
- (D) é um documento construído para ser encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento das tarefas.
- (E) baseia-se na racionalização da burocracia e na fragmentação pela especialização da divisão do trabalho, marcando a importância da hierarquia na tomada de decisões.

32. Na obra coletiva *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva*, as autoras Edilene Ropoli *et. al.* afirmam que a inclusão cinde com as concepções que sustentam as escolas, questionando os fundamentos dos sistemas educacionais.

Assinale a alternativa que apresenta uma afirmação correta sobre os ambientes escolares, segundo a referida obra.

- (A) Em ambientes escolares inclusivos, o currículo e os conteúdos a serem ensinados à classe como um todo ficam limitados por conta dos poucos alunos com deficiência.
- (B) Em ambientes escolares excludentes, a identidade é uma construção histórico-cultural, instável, inacabada e heterogênea.
- (C) Em ambientes escolares inclusivos, potencializa-se a segregação de alunos com necessidades especiais educacionais pela atuação das Salas de Recursos Multifuncionais.
- (D) Em ambientes escolares excludentes, elege-se uma identidade específica através da qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.
- (E) Em ambientes escolares inclusivos, o Projeto Político-Pedagógico tem como compromisso a dimensão cognitiva do educando para as avaliações externas.

33. Para Ladislau Dowbor, permitir que os jovens acessem informações básicas que afetam suas vidas, tais como a destinação do dinheiro público, poluidores da sua região, etc., representa o

- (A) objetivo da educação, que se realiza ao privilegiar questões práticas relativamente a questões teóricas.
- (B) conceito de conectividade, fornecendo-se um embasamento concreto à própria teoria.
- (C) conceito de cidadania, privilegiando-se questões práticas relativamente a questões teóricas.
- (D) conceito de conectividade, privilegiando-se questões práticas relativamente a questões teóricas.
- (E) objetivo da educação, que se realiza ao fornecer um embasamento concreto à própria teoria.

34. Considerando a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9.394, de 20.12.1996), assinale a alternativa que apresenta as categorias administrativas nas quais as instituições de ensino são classificadas.

- (A) Abertas e fechadas.
- (B) Públicas, privadas e comunitárias.
- (C) Públicas e privadas.
- (D) Abertas, fechadas e mistas.
- (E) Públicas, privadas e coletivas.

35. Assinale a alternativa correta a partir dos conceitos de aprendizagem e desenvolvimento para Piaget.

- (A) A aprendizagem é ligada ao desenvolvimento das funções mentais, relacionando-se com a totalidade de estruturas do conhecimento.
- (B) A aprendizagem explica o desenvolvimento, pois o contrário deformaria o estado real das coisas.
- (C) O desenvolvimento é a soma de unidades de experiências de aprendizagens.
- (D) A aprendizagem é, em geral, provocada, como oposta ao que é espontâneo.
- (E) A aprendizagem é o processo essencial e cada elemento do desenvolvimento ocorre como uma função da aprendizagem total.

36. Jonas, lendo a respeito da visão interdisciplinar e transversal do conhecimento, verificou que a transversalidade é um modo de se organizar o trabalho didático-pedagógico, modo esse que procura reintegrar aspectos da realidade que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. Ele também verificou que a transversalidade, assim como a interdisciplinaridade, rejeita a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado.

A partir das leituras feitas, nomeadamente do art. 13, § 6º, da Resolução CNE/CEB nº 04/2010, Jonas tomou ciência de que, na abordagem curricular, a transversalidade está ligada à dimensão didático-pedagógica enquanto a interdisciplinaridade refere-se

- (A) à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento.
- (B) à justaposição de conhecimentos de diferentes disciplinas.
- (C) à divisão tradicional do ensino em disciplinas.
- (D) a uma alternativa metodológica na qual o aprendizado ocorre de forma interligada.
- (E) ao engajamento de educadores em um trabalho coletivo.

37. Segundo Teresa Mauri (in Coll, 1999, capítulo 4), atualmente, são três as concepções da aprendizagem e do ensino escolar mais habituais entre os docentes. Para a primeira concepção, aprender consiste em conhecer as respostas corretas para as perguntas formuladas pelos professores, cabendo ao ensino reforçar positivamente tais respostas. Para a segunda concepção, aprender consiste em adquirir conhecimentos relevantes de uma cultura, competindo ao ensino proporcionar aos alunos as informações de que necessitam. Finalmente, para a terceira concepção, a aprendizagem escolar consiste em construir conhecimentos culturais a partir de atividade pessoal; o aluno é um ser ativo que aprende a aprender.

Conforme expõe Mauri no referido texto, nessa terceira vertente, o papel do ensino consiste em

- (A) transmitir, de forma sistemática, os conhecimentos relevantes.
- (B) auxiliar os alunos na construção dos aludidos conhecimentos culturais.
- (C) adaptar os conteúdos ao desenvolvimento individual dos alunos.
- (D) promover, nos alunos, o desejo de aprender.
- (E) potencializar o processo de aprendizagem dos alunos.

38. Os tempos atuais são marcados por grandes e profundas mudanças em todos os setores da vida. Nesse contexto, verifica-se que os professores têm investido em ações pedagógicas mais adequadas à realidade vivida, ações essas capazes de criar espaços para que os alunos, eles próprios, produzam seus conhecimentos, tornando-se sujeitos críticos, reflexivos e inovadores. Em tal direção, a Pedagogia de Projetos tem se mostrado uma aliada. Entre os defensores dessa pedagogia encontra-se Moura; segundo essa autora, conforme o artigo “Pedagogia de Projetos: contribuições para uma educação transformadora” (s.d.), trabalhar por meio de projetos demanda mudanças na concepção de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, na postura do professor. Essa forma de trabalhar não pode ser vista como uma opção meramente metodológica, mas como uma pedagogia que traz uma específica concepção do conhecimento escolar.

Ainda segundo Moura no referido texto, a Pedagogia de Projetos entende que o papel do educador na construção do conhecimento por parte do aluno é o de

- (A) organizador.
- (B) programador.
- (C) mediador.
- (D) roteirizador.
- (E) transmissor.

39. Em “Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento”, Hoffmann (in *Revista Ideias*, nº 22, p. 54) argumenta que a concepção comportamentalista sobre a avaliação manifesta-se na prática avaliativa de um grande número de professores. Tais profissionais demonstram não perceber o autoritarismo intrínseco a essa concepção. Quando dominados pela convicção de que a forma de avaliar na perspectiva comportamentalista é a melhor que se conhece, esses professores não podem evoluir no sentido de dois princípios presentes em uma avaliação mediadora (tipo de avaliação defendido por Hoffmann).

Na visão de Hoffmann, segundo o artigo em pauta, os dois princípios presentes em uma avaliação mediadora são o

- (A) do acompanhamento reflexivo e o do diálogo.
- (B) do diagnóstico e o do processual e formativo.
- (C) do diagnóstico e o do acompanhamento reflexivo.
- (D) do desempenho e o do engajamento.
- (E) da intencionalidade e o da reflexão crítica.

40. No mundo atual, globalizado, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm se incorporado a diversas áreas do desenvolvimento humano, entre elas a da educação. Nesse contexto, segundo Moran (2004), o professor, do ponto de vista metodológico, necessita aprender a contrabalançar processos de organização e de “provação” na sala de aula. Para o referido autor, uma das dimensões fundamentais do educar consiste em auxiliar os alunos a descobrirem uma lógica dentro do caos de informações que possuímos, organizar numa síntese coerente (ainda que momentânea) das informações dentro de um campo de conhecimento. Moran afirma que compreender consiste em organizar, sistematizar, comparar, avaliar e contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica busca questionar essa compreensão, criando uma tensão para ultrapassá-la, transformá-la, caminhando em direção a novas sínteses, novas formas de compreensão.

Para isso, Moran afirma, nesse texto, que o professor precisa

- (A) usar meios criativos que facilitem aos alunos guardar as informações com mais facilidade.
- (B) propor aos alunos a realização de projetos e atividades mais interativas, tornando o aprendizado mais significativo.
- (C) transmitir com clareza os conteúdos previstos para a turma.
- (D) elaborar uma rotina que favoreça os conteúdos que são mais desafiadores para os alunos, de modo que possam estudar e evoluir mesmo quando sozinhos.
- (E) questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente.

## CONHECIMENTOS DE HISTÓRIA

41. Baseando-me em síntese de minha autoria já antiga, eis aqui o que vejo como pontos básicos quanto à tendência ora em foco:

1. A crença no caráter científico da história, que no entanto é uma ciência em construção: isto conduziu, em especial, à afirmação da necessidade de passar de uma “história-narração” a uma “história-problema” mediante a formulação de hipóteses de trabalho.

(Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.), *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*)

A “tendência ora em foco” é a

- (A) Escola dos Annales.
- (B) História Ideológica.
- (C) História do Tempo Presente.
- (D) Escola Metódica.
- (E) Nova Esquerda Inglesa.

42. Carlos Bacellar, no artigo Uso e mau uso dos arquivos (Em Carla Bassanezi Pinsky (org.), *Fontes históricas*), traz uma série de sugestões para a pesquisa em arquivos históricos. Entre outras, há a sugestão de

- (A) explorar exaustivamente a descrição, a significação e a análise de cada documento nos seus aspectos internos, sem preocupações externas, como o possível autor.
- (B) privilegiar a documentação mais recente e, no caso de documentos manuscritos, buscar aqueles que já estejam transcritos, evitando ter que fazer uso da paleografia.
- (C) evitar o cruzamento de fontes primárias com secundárias porque a veracidade de um documento deve ser comprovada com outros documentos da mesma época.
- (D) trabalhar com número adequado de casos que garantam margem aceitável de segurança para fazer afirmações, especialmente de caráter quantitativo e generalizante.
- (E) preferir documentos oficiais, produzidos em contextos bem identificados, para não correr o risco de reproduzir informações distorcidas ou falsas.

43. A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn. Será conveniente descrever esse paradigma tradicional como história rankeana, conforme o grande historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886) [...]. Em prol da simplicidade e da clareza, o contraste entre a antiga e a nova história pode ser resumida em seis pontos.

(Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*)

Segundo Burke, a história tradicional

- (A) estuda os espaços e as organizações transnacionais a partir das referências da cultura, de modo bem diverso da nova história, preocupada com as histórias nacionais e privilegiando as tradições das elites políticas.
- (B) restringe-se às grandes ordens econômicas, como o feudalismo e o capitalismo, e, para a nova história, a mais importante função do conhecimento histórico é tratar da dimensão institucional da política.
- (C) oferece uma visão de cima porque se concentra nos grandes feitos dos grandes homens, como os estadistas, e a nova história preocupa-se também com a história vista de baixo, caso da história da cultura popular.
- (D) pensa nas estruturas econômicas como determinantes das esferas política e social, enquanto a nova história coloca as ideias como centrais para se compreender as transformações estruturais humanas.
- (E) trabalha com um rol diversificado de fontes, escritas ou não, enquanto a nova história passou a difundir a novidade metodológica de utilizar, em especial, documentos produzidos com a finalidade de serem um documento.

44. As fontes audiovisuais e musicais ganham crescentemente espaço na pesquisa histórica. Do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras, mas seu estatuto é paradoxal. Por um lado, as fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos. Por outro lado, as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças de teatro) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhes são exteriores.

(Marcos Napolitano, *A História depois do papel*.  
Em: Carla Bassanezi Pinsky (org.), *Fontes históricas*)

Acerca dessa discussão, Napolitano entende que o historiador deve considerar as fontes audiovisuais e musicais

- (A) um corpo documental tão específico que o seu uso deve se limitar aos estudos sobre a História da Cultura.
- (B) um recurso que necessita ser utilizado em contextos nos quais não existem outras fontes confiáveis disponíveis.
- (C) um canal de informações essencial para que o historiador possa desvendar a verdade histórica.
- (D) um outro tipo qualquer de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação.
- (E) um caminho a ser evitado pelos pesquisadores porque oferece mais incertezas do que realidades comprováveis.

45. A Antiguidade greco-romana sempre constituiu um universo centralizado em cidades. O esplendor e a solidez da antiga *polis* helênica e da posterior república romana, que ofuscaram tantos períodos subsequentes, traduziam um nível de organização e cultura urbanas que jamais seria igualado em outro milênio. A filosofia, a ciência, a poesia, a história, a arquitetura, a escultura; o direito, a administração, a economia, os impostos; o voto, o debate, o recrutamento – tudo isso chegou a níveis de sofisticação e força inigualáveis. Ao mesmo tempo, esse friso de civilização citadina teve sempre algo do efeito de uma fachada *trompe l'oeil* sobre sua posteridade.

(Perry Anderson, *Passagens da Antiguidade ao feudalismo*)

O tal engano, citado por Anderson, trata da

- (A) ausência de técnicas e conhecimentos que estivessem efetivamente relacionados com a produção de riquezas.
- (B) riqueza material sustentadora da vitalidade intelectual e cívica do espaço urbano, que era extraída, em grande parte, do campo.
- (C) separação entre a dimensão religiosa e as outras esferas humanas, condição necessária para o esplendor urbano.
- (D) recorrente e generalizada fome gerada nas cidades antigas porque havia poucos produtores no campo.
- (E) inadequação das forças produtivas dos povos da Antiguidade Clássica com as suas concepções filosóficas.

46. Apesar das inegáveis diferenças locais, temporais e sociais ao se considerar o conjunto dos vários séculos medievais em todo o Ocidente, pode-se falar em estruturas cotidianas. Ao menos nas de caráter psicobiológico. Estruturas muito semelhantes às de outras épocas e locais, mas que ganham todo seu sentido apenas se conectadas com as demais estruturas do contexto medieval. Consideramos aqui sete delas – a percepção do tempo, o sexo, a alimentação, a moradia, o vestuário, o lazer, a morte.

(Hilário Franco Júnior, *A Idade Média, nascimento do ocidente*)

Sobre essas estruturas cotidianas medievais, segundo Franco Júnior, é correto afirmar que

- (A) a sexualidade, assim como na Antiguidade clássica, manteve-se como uma atividade marcada pelo foro pessoal e não esteve entre as práticas sociais controladas pela Igreja e pelas estruturas senhoriais.
- (B) inexistiam diferenças entre as formas alimentares da aristocracia, da burguesia e dos camponeses e privilegiava-se o consumo de legumes e verduras, pois havia restrições religiosas ao consumo de carnes.
- (C) a morte incomodava todos os setores do Mundo Medieval, porque esta era considerada uma manifestação da ira divina, que abreviava a vida dos sujeitos como castigo pelos recorrentes pecados.
- (D) as poucas práticas de lazer eram defendidas e efetivadas pelo clero, que considerava o ócio uma forma de servir a Deus, enquanto estava vedada aos camponeses qualquer forma de atividade que não fosse o trabalho.
- (E) a experiência dos medievais sobre o tempo mostrava um desinteresse por uma clara e uniforme quantificação deste, ainda que o clero, por necessidades litúrgicas, tivesse estabelecido um controle maior sobre as horas.

47. Os humanistas, num gesto ousado, tendiam a considerar como mais perfeita e mais expressiva a cultura que havia surgido e se desenvolvido no seio do paganismo, antes do advento de Cristo. A Igreja, portanto, para quem a história humana só atingiria a culminância na Era Cristã, não poderia ver com bons olhos essa atitude. Não quer isso dizer que os humanistas fossem ateus [...]. Muito longe disso, o ceticismo toma corpo na Europa somente a partir dos séculos XVII e XVIII.

(Nicolau Sevcenko, *O renascimento*)

Segundo Sevcenko, os humanistas

- (A) afrontavam a hierarquia da Igreja Católica ao defenderem a volta de práticas originárias no paganismo, situação que os aproximava das tradições mais populares dos camponeses europeus.
- (B) renovaram os estudos nas universidades europeias, antes dominados pelo amálgama entre a fé e a ciência, e desenvolveram o curso de teologia moral, voltado a condenar as práticas comerciais.
- (C) eram cristãos e pretendiam reinterpretar a mensagem do Evangelho à luz da experiência e dos valores da Antiguidade, como a exaltação ao indivíduo e à sua participação na vida das cidades.
- (D) mantinham-se formalmente religiosos, porque entendiam a importância em preservar a chamada verdade revelada, em contraposição ao princípio racionalista, que defendia a verdade da ciência.
- (E) respeitavam as tradições da Igreja Católica, construídas ao longo da Idade Média, mas discordavam com veemência das teorias que justificavam a infabilidade papal para questões doutrinárias.

48. Leia parte da obra de J. B. Say.

Até a época do renascimento das artes na Europa, isto é, até cerca do século XVI, os governos dos diversos países pouco se inquietavam com a natureza dos retornos que os comerciantes recebiam do estrangeiro. Os direitos de saída e entrada tinham um objetivo puramente fiscal; eram para os governos meios de levantar tributos, e nada mais; mas em seguida, quando se apercebeu que o comércio era uma fonte de prosperidade para as nações e de poder para os governos, acreditou-se poder explorá-lo mais a proveito. Os publicistas, os homens de Estado, antes de ter suficientemente estudado a natureza das riquezas e o que as produz, acreditaram, com o vulgo, que se é rico porque se tem muita prata, em lugar de compreender que se tem muita prata porque se é rico [...]

(Apud Pierre Deyon, *O mercantilismo*)

No excerto, Say

- (A) analisa a incoerência das práticas mercantilistas, como a busca do entesouramento de metais preciosos por meio do protecionismo da produção nacional.
- (B) critica a política tributária dos Estados da Idade Moderna que, ao retirarem recursos do setor privados, atrasam o pleno desenvolvimento das forças econômicas.
- (C) aponta para as qualidades da teoria mercantilista, que permitiu a acumulação de capitais e a eclosão do industrialismo em toda Europa.
- (D) demonstra como o protecionismo comercial alavancou um desenvolvimento geral da economia mundial sob a direção das metrópoles europeias.
- (E) defende que a capacidade de entesouramento de uma nação é fundamental para que ela garanta as condições para um desenvolvimento autônomo.

49. Leia o relato do cronista Bernal Diaz.

Os habitantes dessas aldeias (...) queixam-se muito de Montezuma e de seus coletores de impostos, que lhes roubavam tudo o que tinham, e que se suas mulheres e filhas fossem formosas, violentavam-nas diante deles e de seus maridos, e roubavam-nas, e que obrigavam-nos a trabalhar como se fossem escravos (...) e muitas outras queixas.

(Apud Tzvetan Todorov, *A conquista da América - a questão do outro*)

O relato de Bernal Diaz ajuda na compreensão

- (A) do processo de acomodação que envolveu um Estado colonizador, a Espanha, e as inúmeras civilizações que habitavam no atual México.
- (B) da forma como o contato dos espanhóis com os povos nativos da América provocou, nestes, regressões morais, como as práticas imperialistas.
- (C) de como Cortez, na guerra contra os astecas, soube explorar as dissensões internas entre as diversas populações que ocupavam as atuais terras mexicanas.
- (D) da facilidade encontrada pelos conquistadores espanhóis para dominar povos que desconheciam a organização do Estado.
- (E) da fragilidade militar do colonizador espanhol, incapaz de derrotar com rapidez povos que desconheciam a cultura da guerra.

50. Ao lado da empresa comercial e do regime de grande propriedade, acrescentemos um terceiro elemento: o trabalho compulsório. Também nesse aspecto, a regra será comum a toda a América Latina, ainda que com variações. Diferentes formas de trabalho compulsório predominaram na América espanhola, enquanto uma delas – a escravidão – foi dominante no Brasil.

[...]

Mas se a introdução do trabalho escravo se explica resumidamente dessa forma, por que se optou preferencialmente pelo negro e não pelo índio? Em primeiro lugar, lembremos que houve uma passagem da escravidão do índio para a do negro, que variou no tempo e no espaço. [...]

(Boris Fausto, *História do Brasil*)

Sobre a citada variação “no tempo e no espaço”, é correto afirmar que

- (A) durante o século XVI coexistiram índios e africanos escravizados nas variadas produções coloniais, mas no século seguinte, a proibição em tornar cativos os indígenas foi efetivada em toda a Colônia.
- (B) no Estado do Maranhão, até meados do século XVIII, havia uma legislação particular que permitia a escravização de povos indígenas, desde que houvesse a anuência da autoridade religiosa local.
- (C) no Nordeste açucareiro, a opção pelo trabalho cativo dos povos indígenas, no decorrer do século XVI, derivou da forte queda do preço internacional do açúcar, o que impossibilitava a compra de escravos africanos.
- (D) a passagem para o uso do africano foi mais rápida na economia açucareira, porque havia condições de absorver o preço da compra do escravo negro, mas demorou a ocorrer nas regiões periféricas, como São Paulo.
- (E) as regiões com frágil ligação com o mercado externo preferiam o trabalho escravo africano porque as ordens religiosas, com o apoio das autoridades metropolitanas, atuavam com rigidez para impedir a escravidão indígena.



51. Felizmente poucos refinamentos intelectuais foram necessários para se fazer a revolução industrial. Suas invenções técnicas foram bastante modestas, e sob hipótese alguma estavam além dos limites de artesãos que trabalhavam em suas oficinas ou das capacidades construtivas de carpinteiros, moleiros e serralheiros: a lançadeira, o tear, a fiadeira automática. Nem mesmo sua máquina cientificamente mais sofisticada, a máquina a vapor rotativa de James Watt (1784), necessitava de mais conhecimentos de física do que os disponíveis então há quase um século – a teoria adequada das máquinas a vapor só foi desenvolvida *ex post facto* pelo francês Carnot na década de 1820 – e podia contar com várias gerações de utilização, prática de máquinas a vapor, principalmente nas minas.

(Eric Hobsbawm, *A Era das revoluções: Europa 1789 – 1848*)

Segundo Hobsbawm, existiam condições para que a revolução industrial ocorresse na Grã-Bretanha. Entre essas, é correto apontar

- (A) as atividades das associações de industriais britânicos que contratavam especialistas técnicos de todas as regiões europeias.
- (B) a resolução do problema agrário, por meio dos Decretos das Cercas, o que permitiu que proprietários com espírito comercial quase monopolizassem a terra.
- (C) a grande produção de algodão em várias regiões da Inglaterra, que contavam com o incentivo da Coroa e de bancos públicos e privados.
- (D) o aumento da concentração do poder do soberano britânico ao longo do século XVIII e o consequente esvaziamento das atribuições do parlamento.
- (E) a legislação que criava a escola básica pública a qual obrigava que todas as crianças fossem alfabetizadas.

52. No contexto da Revolução Francesa (1789-1799), a Conspiração pela Igualdade, ou Conjuração dos Iguais, segundo a obra de Albert Soboul, *A Revolução Francesa*,

- (A) aclamava que os lucros deveriam ser limitados entre os grandes proprietários e livre entre os pequenos produtores.
- (B) considerava que uma verdadeira república necessitava da existência, majoritária, de pequenas propriedades.
- (C) apoiava o controle do Estado sobre os preços de mercadorias e salários nos espaços urbano e rural.
- (D) preconizava o direito à cidadania plena aos sujeitos que efetivamente produzissem mercadorias para o consumo popular.
- (E) defendia a igualdade dos usufrutos, e para isto ocorrer, a propriedade privada deveria ser suprimida.

53. A onda revolucionária de 1830 foi um acontecimento muito mais sério do que a de 1820. De fato, ela marca a derrota definitiva dos aristocratas pelo poder burguês na Europa Ocidental. A classe governante dos próximos 50 anos seria a “grande burguesia” de banqueiros, grandes industriais e, às vezes, altos funcionários civis. Nos EUA, entretanto, a democracia jacksoniana dá um passo além: a derrota dos proprietários oligarcas antidemocratas pela ilimitada democracia política colocada no poder com os votos dos homens das fronteiras, dos pequenos fazendeiros e dos pobres das cidades. Mas, 1830 determina uma inovação ainda mais radical na política.

(Eric Hobsbawm, *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Adaptado)

Para Hobsbawm, tal “inovação ainda mais radical na política” refere-se

- (A) à criação das primeiras experiências de monarquias parlamentares escolhidas inclusive pelo voto feminino.
- (B) ao estabelecimento da Internacional Socialista a partir da presença de centrais sindicais e de partidos políticos operários.
- (C) à formação de alianças políticas duradouras entre forças populares e partidos representantes do grande capital.
- (D) à afirmação das prerrogativas populares com a oferta de voto universal em toda a Europa Ocidental.
- (E) ao aparecimento da classe operária, na Grã-Bretanha e na França, como uma força política autoconsciente e independente.

54. Na América Latina, a dominação econômica, e a pressão política, quando necessária, eram implementadas sem conquista formal. As Américas constituíram, é claro, a única região importante do globo onde não houve rivalidade séria entre as potências. À exceção da Grã-Bretanha, nenhum Estado europeu possuía mais do que restos dispersos dos impérios coloniais (principalmente caribenho) do século XVIII, sem maior significado econômico ou outro. Nem os britânicos nem qualquer das outras nacionalidades viam boa razão para hostilizar os EUA, desafiando a Doutrina Monroe.

(Eric Hobsbawm, *A era dos impérios*)

A Doutrina Monroe, segundo Hobsbawm,

- (A) manifestava oposição a qualquer outra colonização ou intervenção política de potências europeias no hemisfério ocidental.
- (B) diferenciava a diplomacia dos Estados Unidos porque defendia o desenvolvimento político-econômico de todos os povos da América.
- (C) propunha a formação de uma entidade supranacional voltada à defesa da autodeterminação dos povos americanos.
- (D) impedia que investimentos europeus voltados à infraestrutura fossem realizados em nações da América Central.
- (E) estabelecia um preceito diplomático de interferência estadunidense nas questões geopolíticas da Europa.

55. Muito pouco se sabe acerca do ocorrido nos bastidores da diplomacia europeia, capaz de informar propósitos e resultados das negociações que culminaram em um dos períodos mais violentos da época contemporânea. O que parece consensual, no entanto, foram os quatro principais motivos que levaram à realização da Conferência.

(Leila Leite Hernandez, *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*)

Entre os motivos para a realização da Conferência de Berlim, Hernandez apresenta

- (A) a inquietação das potências imperialistas europeias com o recrudescimento do escravismo na África e o intento francês de emancipar os seus domínios coloniais.
- (B) a intenção dos Estados Unidos em obter espaços de exploração na África e a preocupação anglo-francesa com as recorrentes revoltas coloniais.
- (C) a proposta britânica de articular economicamente a África e o projeto francês de redistribuir os domínios coloniais entre todas as nações europeias.
- (D) o objetivo do rei Leopoldo II, da Bélgica, em fundar um império ultramarino na África, e a busca de Portugal pelos territórios que ligassem Angola a Moçambique.
- (E) a preocupação francesa com a rápida expansão alemã na África e o interesse da Espanha em conquistar regiões sob o domínio britânico.

56. “Do ponto de vista político, o período da chamada ‘República Velha’ caracterizou-se pelo predomínio incontestado dos grupos agrários, sob a hegemonia dos cafeicultores paulistas.”

(Maria Yedda Linhares (org). *História Geral do Brasil*)

Na prática, essa política oligárquica resultou

- (A) num regime político de amplitude democrática diversa e sufragista, sendo um evento marcante as eleições de 1930.
  - (B) num regime político apoiado no poder local, sendo o coronelismo uma de suas expressões mais presentes.
  - (C) num conglomerado político centrado no sudeste brasileiro, sua maior expressão foi a revolução de 1930.
  - (D) numa relação intrínseca entre sociedade civil e vida política, sendo os comerciantes urbanos o principal exemplo dessa unidade.
  - (E) num movimento social marcado pelas ideologias sociais do século XX, sendo a intencional comunista sua manifestação mais latente.
57. O historiador Caio Prado Jr. afirmava que “É este o caráter mais saliente da formação étnica do Brasil, a mestiçagem profunda das três ‘raças’ que entram na sua composição.”

(Caio Prado Jr. *A formação do Brasil contemporâneo – colônia*)

O sentido e a formação do escopo populacional do Brasil, segundo Caio Prado, guardavam características marcantes, tais como o escravismo indígena e africano. No processo abolicionista de fins do século XIX, ainda no período Imperial, é correto considerar

- (A) a mestiçagem como irrelevante na formação nacional e entre os partidários do abolicionismo.
- (B) a amplitude democrática e inclusiva que marcou o debate sobre o abolicionismo.
- (C) a defesa da ideia de mestiçagem e de valores liberais entre a maioria dos abolicionistas.
- (D) a defesa do governo, durante todo o período monárquico, a favor do abolicionismo.
- (E) o radicalismo político classista e revolucionário do movimento abolicionista.

58. “A catástrofe na qual mergulhou a gente comum da antiga URSS ao final do antigo sistema ainda não acabou. Penso que o salto súbito, revolucionário, do antigo sistema para o capitalismo que lhes foi imposto talvez tenha perturbado mais a economia que a Segunda Guerra Mundial e mais que a Revolução de Outubro, e a economia da região já levou mais tempo para se recuperar que nos anos 20 e 40. Nossa avaliação de todo o fenômeno soviético continua provisória.”

(Eric Hobsbawm. *Sobre História*)

A Revolução Russa foi, independentemente das visões díspares sobre seus resultados, um dos mais importantes eventos ocorridos no século XX. A afirmação refere-se

- (A) à formação de uma burguesia industrial empreendedora e fomentadora de novas classes detentoras de capital e, conseqüentemente, de uma classe de trabalhadores assalariados que prosperou mediante inserção da economia russa no cenário do capitalismo globalizado.
- (B) à convicção unânime de que o processo revolucionário russo teve como consequência para a população o atraso econômico, tecnológico e social que a caracterizam, até hoje, como um dos países mais atrasados da Europa oriental.
- (C) à fiel reprodução das estruturas sociais de poder vistas na Europa de então, com a constituição de uma nobreza da terra e de servos ligados à terra e ao trabalho agrícola, formando naquela nação a crença de que a industrialização não era algo benéfico à população de um modo geral.
- (D) à consumação de uma nova potência de caráter híbrido – sendo o capitalismo liberal e o socialismo centralizador suas bases mais fundamentais – que designou novos rumos ao movimento operário de então, deixando um legado considerável para os burgueses por todo o mundo.
- (E) ao caráter ambíguo e contraditório da Revolução Russa que a estabeleceu como maior nação europeia em pouco mais de duas décadas, saltando de um país agrário e atrasado para uma nação que rivalizava de igual pra igual com as principais potências ocidentais capitalistas.

59. “Com certeza, em todos os cantos do Brasil colonial, a escravidão tornou-se o marco principal pelo qual se media a sociedade como um todo.”

(John Manuel Monteiro. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*)

Considerando o fragmento e o tema, é possível afirmar que a escravidão

- (A) foi evitada na maior parte da história do país, sobretudo no período do Império, no qual a elite agrária abriu mão desse tipo de relações de trabalho em nome da unidade e da visão liberal, predominante nesse período.
  - (B) perdurou no país entre os anos de 1822 até 1889, encontrando no período do Brasil monárquico seu auge, após quase não ser utilizado como instrumento de dominação econômica durante o período colonial.
  - (C) é uma instituição, no país, que se concentrou em algumas regiões do território nacional, sobretudo em regiões com maior avanço econômico, como a sudeste, que necessitaram dessa mão de obra para a industrialização.
  - (D) é parte estrutural da sociedade, no Brasil, com implicações na economia, na política e nas demais relações sociais no país, desde a colônia e Império, com implicações na República e no tempo presente.
  - (E) esteve ausente durante os períodos colonial e império, uma vez que as relações e as pressões comerciais dos países liberais foram fundamentais para os acordos que extinguiram a mão de obra escrava no país.
60. “A preocupação em institucionalizar as relações entre Estado e operariado (...) manifestou-se, no imediato pós-30, com a criação do Ministério do Trabalho (1931) e a promulgação da legislação trabalhista a mais diversa. No entanto, desde 1933 o sindicalismo independente e pluralista (...) sofrerá séria ofensiva estatal.”

(Maria Yedda Linhares (org). *História Geral do Brasil*)

Do contexto abordado no excerto, resultou

- (A) o sindicalismo corporativista, superado somente com os movimentos grevistas de 1978 no ABC Paulista.
- (B) o sindicalismo pluralista, que reunia sob sua influência sindicatos de diferentes categorias em prol da revolução social.
- (C) a união independente classista de categorias, que esteve à frente dos principais movimentos grevistas no Brasil desde então.
- (D) o sindicalismo independente, que agregava tendências mais radicais da esquerda e que perdurou até meados de 1980.
- (E) o sindicalismo pluralista, que só foi superado pelo movimento grevista do ABC, cuja tendência foi a centralização.

61. “Por volta da década de 1880, era óbvio que a abolição estava iminente. O Parlamento, reagindo ao abolicionismo de dentro e de fora do país, vinha aprovando uma legislação gradualista. As crianças nascidas de mães escravas foram declaradas livres em 1871, e em 1885 a liberdade foi garantida para os escravos com idade superior a 65 anos. O movimento abolicionista tornou-se irresistível nas áreas cafeeiras, onde quase dois terços da população escrava estava concentrada. Com uma nova consciência de si mesmos e encontrando apoio em segmentos da população que simpatizavam com a causa abolicionista, grandes números de escravos fugiram das fazendas. A escravidão tornou-se uma instituição desmoralizada. Quase ninguém opunha-se à idéia de abolição, embora alguns reivindicassem que os fazendeiros deviam ser indenizados pela perda de seus escravos.”

(Emília Viotti da Costa. *Da monarquia à república: momentos decisivos*)

Considerando o excerto e o que se sabe sobre o assunto discutido, é correto afirmar que

- (A) os princípios democráticos, republicanos e de liberdade, construídos de maneira rápida e eficaz, foram difundidos nas províncias distantes e isoladas do vasto território imperial.
- (B) a contestação do poder central criou um processo de libertação indiscriminado de negros escravizados que trouxe à sociedade brasileira da época um colapso tanto econômico quanto social.
- (C) o abolicionismo corresponde a uma conjugação de ideias e valores contrários à perpetuação da escravidão em uma sociedade que se pretendia moderna.
- (D) o abolicionismo foi uma forma de excluir a participação de negros alforriados da vida pública brasileira, negando à população negra o direito ao trabalho, saúde e educação.
- (E) um recurso inteligente e eficaz de controle político das províncias trazia como diferencial o ideal abolicionista que pregava a igualdade entre todos os seres humanos.

62. “Até a proclamação da Independência (...) o antagonismo entre José Bonifácio e os setores liberais permaneceu no segundo plano. Estavam todos associados numa obra comum: defender, das investidas das Cortes portuguesas, a autonomia conquistada em 1808.”

(Emília Viotti da Costa. *Da monarquia à república: momentos decisivos*)

A participação de José Bonifácio no processo de independência do Brasil, em 1822, é bem descrita pela historiografia. Apesar das polêmicas que cercam toda narrativa sobre um personagem histórico, ficou entre as marcas inconfundíveis de sua política:

- (A) a associação com movimentos republicanos que queriam a derrubada da monarquia.
  - (B) o envolvimento com o movimento liberal do Porto de 1820.
  - (C) a forte influência que sofreu do partido português, que defendia a restauração do Brasil à condição de colônia portuguesa.
  - (D) o jogo dúbio de apoio às medidas liberais que o afastaram da monarquia e o levaram à ruína.
  - (E) o apoio alcançado junto às elites conservadoras brasileiras, opostas ao liberalismo.
63. “(...) à medida que os países industrializados vão reorientando sua produção, abre-se a possibilidade de expandir uma indústria nacional que se dedique à fabricação de artigos cujo valor fosse pequeno e, portanto, de pouco interesse para o produtor estrangeiro. Foi o caso da fabricação de tecidos de algodão, da sacaria para embalagens de café (...) o país vai, pouco a pouco, dispondo de matérias-primas abundantes. E de capitais oriundos da produção agrícola que precisavam ser reinvestidos.”

(Maria Yedda Linhares. *História Geral do Brasil*)

Conforme se lê no excerto, a industrialização no Brasil, durante a chamada República Velha, correspondeu

- (A) à necessidade de se subsidiar a produção cafeeira e de outros artigos agrícolas, sendo uma indústria incipiente em tecnologia e inovação.
- (B) às taxas de câmbio que declinaram no país, valorizando sua moeda no mercado internacional.
- (C) à diminuição da produção de insumos agrícolas e do extrativismo mineral, que alavancou o trabalho urbano.
- (D) aos conflitos bélicos em que o Brasil se envolveu no período e à necessidade de produtos beneficiados industrialmente para atender aos esforços de guerra.
- (E) à concentração de renda na mão dos trabalhadores que demandaram mais do mercado interno, sobrando poucos artigos para a exportação.

64. “Entre 1920 e 1940 houve algum declínio no índice de analfabetos no Brasil, mas esse índice continuou a ser muito elevado. Considerando-se a população de quinze anos ou mais, o índice de analfabetos caiu de 69,9% em 1920, para 56,6% em 1940.”

(Boris Fausto. *História do Brasil*)

Estes números podem ser compreendidos e explicados

- (A) pela ausência de investimento público na educação básica, passando a ser gerida pela iniciativa privada, que procurou universalizá-la nesse período.
- (B) pela organização das classes trabalhadoras em sindicatos e ligas de solidariedade mútua, que procuraram organizar sistemas educacionais para seus filhos.
- (C) pelo esforço das famílias do período em alfabetizar seus filhos em casa, mediante a ausência de um sistema educacional universal no Brasil.
- (D) pelo interesse das potências capitalistas parceiras comerciais em desenvolver uma massa de trabalhadores alfabetizados no Brasil.
- (E) pelo contexto das políticas de investimento e incentivo à educação básica nos diferentes períodos do governo Vargas, a partir da década de 30.

65. “Geralmente as causas das guerras tendem a ser explicadas em termos da ação de “grandes forças”, mas muitas vezes derivam menos de processos macro-históricos que de questões mais imediatas, ligadas às ambições pessoais dos líderes ou a problemas no exercício de sua autoridade, potencialmente prejudicada por contexto de crises. Durante a década de 1860, os paraguaios foram vítimas de ambos: mudanças na estrutura política da região e transformações na formulação da política externa guarani. Essas circunstâncias foram preponderantes para as catastróficas decisões tomadas pelo terceiro ditador da república, Francisco Solano López (1827-1870), levando o Paraguai a uma guerra que não tinha condição de vencer.”

(Vitor Izecksohn. *A Guerra do Paraguai*, (in) *O Brasil Imperial*, volume II: 1831-1870/organização Keila Grinberg e Ricardo Salles)

Sobre o conflito exposto, é correto afirmar que

- (A) a guerra do Paraguai envolveu questões políticas nacionalistas ligadas à formação de um país único na região platina. O projeto encabeçado pelo Brasil encontrou resistência paraguaia, sendo este o principal motivo do início do conflito.
- (B) as repúblicas da Argentina e do Uruguai, juntamente com o Brasil imperial, uniram-se para enfrentar o governo Paraguaio de Solano Lopez e suas aspirações estratégicas e comerciais na região da bacia platina, que pretendia controlar a navegação dos principais rios da região.
- (C) o Império brasileiro agiu no combate aos anseios de Solano Lopez, principalmente motivado pela diplomacia inglesa, que guardava interesses fortes no enfraquecimento do Paraguai no contexto comercial da bacia do Prata.
- (D) a participação argentina e brasileira no conflito seguia na direção de uma vendeta contra os paraguaios que haviam vencido conflitos anteriores de definição das fronteiras da região dos rios Paraguai e Paraná, no início do século XIX.
- (E) o conflito foi aguçado por questões políticas ligadas à ascensão de partidos e setores liberais ao poder no Brasil, havendo oposição dos paraguaios que apoiavam a monarquia brasileira.

66. “A primeira constituição da república se inspirou no modelo norte-americano, consagrando a República Federativa Liberal. A chave da autonomia dos Estados – designação dada às antigas províncias – estava no artigo 65 § 2º da Constituição (de 1891). Af se dizia caber aos Estados poderes e direitos que não lhes fossem negados por dispositivos do texto constitucional. Desse modo os Estados ficaram implicitamente autorizados a exercer atribuições diversas, como as de contrair empréstimos no exterior e organizar forças militares próprias.”

(Boris Fausto. *História do Brasil*)

A decorrência mais impactante do artigo da Constituição de 1891, citado no excerto, foi:

- (A) a possibilidade de contrair empréstimos no exterior, que seriam vitais para o governo paulista criar planos de valorização do café e decretar impostos sobre a exportação de suas mercadorias.
- (B) a formação de milícias estaduais capazes de se oporem às Forças Nacionais, sendo São Paulo a província que mais investiu no armamento de grupos submissos ao governo estadual.
- (C) a criação de divisões regionais que se fortaleceriam para combater ações federais que ferissem seus interesses, gerando uma verdadeira anarquia entre os governos provinciais.
- (D) a organização de grupos separatistas das províncias, principalmente as mais ricas, que se fortaleceram para que o movimento ganhasse força e projeção nacional.
- (E) o lucro das empresas provincianas que ocasionou a necessidade de intervenção Federal nas economias estaduais, além da quebra de acordos com o poder da União.

67. “As duas potências fascistas fizeram, num alinhamento formal, o Eixo Berlim-Roma, enquanto Alemanha e Japão faziam um pacto “Anti-Comintern”. Em 1937, sem surpreender ninguém, o Japão invadiu a China. (...) Em 1938, a Alemanha também achou que chegara a hora da conquista. A Áustria foi invadida e anexada em março (...) o acordo de Munique despedaçou a Tchecoslováquia e transferiu grandes partes dela para Hitler, mais uma vez pacificamente. O resto foi ocupado em março de 1939, encorajando a Itália (...) a ocupar a Albânia. Quase imediatamente, uma crise polonesa mais uma vez resultante de novas exigências territoriais alemãs paralisou a Europa. Disso veio a guerra europeia de 1939-1941, que se tornou a Segunda Guerra Mundial.”

(Eric Hobsbawm. *Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991*)

A chamada II Guerra Mundial teve seu início em setembro de 1939, primeiramente na Europa. Um dos motivos para sua deflagração foi

- (A) o apoio estratégico das democracias liberais aos regimes totalitários que se aliavam para combater o socialismo soviético em franca expansão no leste, ameaçando o capitalismo ocidental de cunho liberal e intervencionista.
- (B) a alta das exportações alemãs para parceiros comerciais que estavam fora da Europa ocidental, que impulsionou o governo nazista a imprimir uma política imperialista que visava estabilizar as tensões na Ásia e norte da África.
- (C) o sucesso do isolamento político e econômico dos movimentos fascistas e sua relativa tolerância às manobras militares dos liberais que antecederam o início da guerra, em 1939, em aliança com os países socialistas.
- (D) o fracasso da chamada política de apaziguamento, que permitiu aos governos nazi-fascistas relativa liberdade de movimento em suas manobras de anexação territorial antes de setembro de 1939, originando tensões que desembocaram na guerra.
- (E) a expansão cultural alemã motivada, em parte, pelo tratado de Versalhes, que se mostrou capaz de refrear o conflito até meados da década de 30, quando o partido nazista foi expulso do poder após romper acordos com os liberais.

68. “Na verdade veio, como tinha de vir, do topo. Ainda não está claro de que maneira, exatamente, um reformista comunista obviamente apaixonado e sincero veio a ser sucessor de Stálin à frente do PC soviético em 15 de março de 1985, e continuará pouco claro até que a história soviética das últimas décadas se torne tema mais da história do que de acusação e auto-exculpação.”

(Eric Hobsbawm. *Era dos extremos: O breve século XX. 1914-1991*)

A partir do fragmento de texto, é correto afirmar que

- (A) a revolução Bolchevique do início do século XX permitiu uma ampla aliança com a burguesia local em meio às disputas pela hegemonia do comércio global.
- (B) o chamado fim do socialismo real foi marcado pelas reformas de Mikhail Gorbachev, último líder da então União Soviética, atual Rússia, com implicações sociais e econômicas de dimensões globais.
- (C) a irrelevância das reformas de Mikhail Gorbachev foi uma constatação, uma vez que o líder russo buscou, a todo momento, garantir a permanência dos comunistas no comando do país.
- (D) a chegada dos reformistas ao poder na URSS permitiu uma sobrevida da perspectiva socialista com novas conquistas territoriais e acordos com as potências do período.
- (E) o aumento dos acordos entre a China e a URSS marcou esse período em meio a desafios que buscavam manter as estruturas construídas pela revolução.

69. “Mas, para os membros do mundo burguês instruído e próspero que viveram nessa era de catástrofe e convulsão social, não parece se tratar, em primeira instância, de um cataclismo fortuito, algo como um furacão generalizado que devastasse tudo à sua paisagem.”

(Eric Hobsbawm. *A Era dos Impérios. 1875-1914*)

Sobre o fragmento e a obra, é correto afirmar que é exemplo de catástrofe e convulsão social, desdobradas em conflitos:

- (A) a luta pela democratização dos meios de produção, conforme perspectiva hegemônica nos países de língua Russa e Alemã nesse período.
- (B) a construção bem sucedida de grandes pactos mútuos de não agressão entre as potências, que evitaram o conflito generalizado no século XX.
- (C) a ordem social, política e moral, como a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918 e a revolução Russa de 1917.
- (D) a ordem social e econômica, como a Guerra dos Cem Anos, entre as potências ocidentais, durante o século XX.
- (E) os movimentos de conquistas dos trabalhadores, que evitaram os conflitos do século XX, a partir dos acordos de classe com os burgueses.

70. “As possíveis verdades de várias hipóteses nesses campos pareciam ser na época menos importante que seu uso para os horríveis propósitos políticos do regime de Adolf Hitler. Ainda hoje existem muitos que se recusam a aceitar pesquisas sobre possíveis diferenças raciais no gênero humano ou que rejeitam qualquer descoberta que tende a demonstrar, sobre bases análogas, desigualdades entre vários grupos humanos.”

(Eric Hobsbawm. *Sobre História*)

O texto faz menção

- (A) à escalada autoritária que acometeu o cenário político internacional sob a liderança dos Bolcheviques a partir do controle da estrutura do Estado Soviético do partido comunista e das associações anarquistas, como forma de patrocinar e se aliar às pesquisas e aos avanços científicos alemães, em um elo que culminaria com a parceria entre as nações ao longo da Segunda Grande Guerra Mundial.
- (B) à redemocratização radical, liderada pela Itália e Alemanha, que contou com amplos avanços e investimentos na ciência, sobretudo o estudo da genética, com o intuito de barrar o conflito que culminaria na Segunda Guerra Mundial, a partir de um discurso e uma prática que buscavam valorizar as diferenças e eliminar qualquer tipo de narrativa bélica ou extremada.
- (C) à política e ao seu processo, que culminou, na Segunda Grande Guerra, com intensa aliança entre os países democráticos, entre eles, os Estados Unidos, a Rússia, Alemanha e Espanha, a partir de um projeto comum através da ciência e estudos genéticos, com o objetivo de barrar as estratégias militares e políticas da França e Inglaterra em meio à disputa do período
- (D) a pesquisas na área científica, estimuladas pelos grupos de trabalhadores organizados em diversos países, com o objetivo de questionar o papel da ciência na construção de discursos e práticas de natureza autoritária, como as experiências inglesas e francesas durante o processo que culminariam na eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial, bem como nos seus efeitos políticos para o mundo.
- (E) a pesquisas genéticas, fartamente estimuladas durante o regime nacional-socialista alemão, que tinham como uma de suas características a tentativa de provar uma “superioridade” ariana em relação aos outros povos por meio de um discurso pseudo “científico”, de caráter totalitário, além de um projeto expansionista do partido Nazista, que culminaria na eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial, a partir de 1939.

